

ACTA N.º 04/2011 – Reunião de 25 de Abril de 2011

- 1 -----SESSÃO EXTRAORDINÁRIA-----
2 -----REUNIÃO DO DIA 25 DE ABRIL DE 2011 -----
3 -----ACTA NÚMERO QUATRO / DOIS MIL E ONZE-----
4 -----COMPOSIÇÃO DA MESA:-----
5 - **Presidente** – Paulo Jorge Carvalho Cecílio Patrício;-----
6 - **Primeiro Secretário** – Vanda Ferreira Nunes Laura; -----
7 - **Segundo Secretário** – Cristina Martins Henriques. -----
8 -----PRESENCAS: Estiveram presentes os senhores:-----
9 - Luis Manuel Biscaia Almeida; -----
10 - Anabela Martins Sá;-----
11 - Susana Miguel Silva;-----
12 - António Fernando Lopes;-----
13 - Vanda Ferreira Nunes Laura;-----
14 - Marcos José Vicente Proença;-----
15 - Luis Francisco Campos Silva;-----
16 - Luis Manuel Surrador Rego; -----
17 - Rute Isabel Brazão Correia;-----
18 - Paulo Jorge Carvalho Cecílio Patrício;-----
19 - Maria Fernanda Faria Abreu Silva Mateus;-----
20 - Helder José Silva Bicho; -----
21 - Cristina Martins Henriques; -----
22 - Carlos Manuel Maximiano Batista;-----
23 - Helena Maria Jesus Águas;-----
24 - Pedro Miguel Dias Lourenço;-----
25 - Maria da Graça Romão Jesus Rua; -----
26 - Alberto Carlos Nascimento Ferreira;-----
27 - Ivo Gonçalo Rodrigues Faustino;-----
28 - Armando Salvador Maia da Fonseca;-----
29 - António Feliciano Júniiior; -----
30 - João Manuel Gomes Mendonça; -----
31 - M.ª Norberta Ponte Ferreira Santos; -----
32 - Nuno Diogo Fernandes Bernardino;-----
33 - Joaquim Marcos Rodrigues Henriques.-----
34 -----Faltou a esta sessão o senhor Carlos João Fernandes Pereira Fonseca.-----
35 -----OUTRAS PRESENCAS: Estiveram igualmente presentes os senhores:-----
36 - Presidente da Câmara Municipal José Manuel Gonçalves Vieira; -----
37 - Vice-Presidente da Câmara Joana Isabel Pina Patuleia Figueiras;-----
38 - Vereador Nuno Manuel Mota Silva;-----
39 - Vereador Jorge Gabriel Duarte Catana Monteiro Martins;-----
40 - Vereadora Maria Arminda Oliveira Sousa;-----
41 - Vereador José Victor Ribeiro da Silva;-----
42 - Assistente Técnico Nuno Fernando Carreira Taborda Ferreira. -----

ACTA N.º 04/2011 – Reunião de 25 de Abril de 2011

43 -----Pelas 18:45 horas o senhor Presidente da Mesa da Assembleia Municipal,
44 declarou a sessão aberta.-----

45 -----A senhora D. Rute Correia (CDU) disse que: “Era uma vez um país de gente
46 pobre, triste e oprimida que um dia plantou um cravo em nome da liberdade. Foi a 25 de
47 Abril de 1974 que o povo desse país, saiu à rua, fato de tanta miséria, de tanta guerra e
48 opressão derrubaram com a força da sua luta o regime fascista, fazendo nascer a
49 esperança num futuro melhor. Foram muitas as conquistas, na educação, na saúde, no
50 trabalho, que a nossa Constituição ainda vai reflectindo hoje. Mas 37 anos passaram, e
51 as conquistas de ontem vão-nos sendo ferozmente retiradas dia após dia, como se o 25
52 de Abril, não fosse mais que uma feliz recordação de um passado em que o povo tinha
53 poder. Como se a liberdade fosse pedaço da história de um Portugal que em tempos se
54 fez ouvir. Actualmente a palavra liberdade foi substituída por insegurança, a palavra
55 progresso por crise, a palavra mudança por acomodação, a palavra alternativa por
56 inevitabilidade, a palavra Portugal por União Europeia, a palavra povo por capital. 37
57 anos após o 25 de Abril, os nossos direitos são postos em causa e as conquistas pelas
58 quais muitos lutaram são encaradas como privilégios desnecessários que põe em
59 causa o desenvolvimento do país, um país que para quem tem governado deixou de ser
60 composto por pessoas e passou a traduzir-se apenas em números. Trinta e cinco anos
61 de política de direita, política ao serviço do grande capital, que avolumou injustiças e
62 desigualdades sociais, definhou as capacidades produtivas, alienou recursos e
63 estratégias, hipotecou a soberania nacional e empobreceu o regime democrático. Anos
64 marcados pela intensificação da exploração dos trabalhadores, de continuado ataque
65 aos direitos laborais e sindicais e de protecção dos lucros e privilégios dos grupos
66 económicos e financeiros. Anos estes que culminaram com a governação da
67 “austeridade” do governo PS / Sócrates que se traduziu no ataque aos salários, na
68 diminuição das pensões e prestações sociais, no agravamento dos impostos e do IVA
69 sobre bens essenciais, na perda do poder de compra, na facilitação dos
70 despedimentos, na desindustrialização, na subordinação da produção nacional à
71 estrangeira, no crescente número de privatizações e nos apoios à banca e ao sector
72 financeiro cujos benefícios fiscais permanecem no fundamental intocados. E o resultado
73 está à vista, Portugal subordinado à dominação do capital nacional e estrangeiro, num
74 processo de subordinação do poder político aos interesses económicos e de classe. Um
75 país em que os grandes grupos económicos têm lucros escandalosos ao mesmo tempo
76 que a pobreza e a miséria crescem todos os dias. Agora estamos mais pobres, menos
77 desenvolvidos e mais dependentes! A presente crise política, decorrente da demissão
78 do primeiro-ministro e da dissolução da Assembleia da República é a expressão e
79 consequência directa da crise económica e social a que PS, PSD e CDS-PP, com o
80 apoio do Presidente da República, conduziram o país e é inseparável do rumo de
81 integração capitalista da União Europeia e da crise desse mesmo sistema. Os PEC’s e
82 Orçamento de Estado apresentado, justificados como males necessários para vencer
83 as dificuldades, traduziram-se na verdade em factores de acentuação da crise. O PEC
84 IV, por exemplo, não incluía nenhuma medida visando o crescimento económico, o
85 aumento da produção nacional, uma mais justa distribuição da riqueza e diminuição do

ACTA N.º 04/2011 – Reunião de 25 de Abril de 2011

86 desemprego ou combate às desigualdades. Assistimos agora ao recurso ao FMI, dito
87 inevitável mas que não passa de mais um ornamento para o enterro da situação
88 económica nacional. Somos de tal forma internacionalizados que pouco importa a
89 situação nacional, porque a Europa também ela em crise precisa dos nossos sacrifícios
90 para que as suas grandes potências não só não tenham prejuízo connosco como
91 consigam lucrar com esta situação. Isto poderia ser uma piada se não fosse ser a nossa
92 realidade, tratam-nos como um país sem grandes recursos, quando na verdade em
93 tempos produzíamos e exportávamos para muitos países do mundo o melhor dos
94 nossos produtos. Tínhamos os nossos recursos, valorizávamos os produtos nacionais
95 enquanto hoje importamos aquilo que poderíamos produzir. Há 37 anos falava-se em
96 censura, agora vive-se no seio de uma intensa ofensiva ideológica e de uma campanha
97 que a par da cíclica alternância, alimentada pelas falsas soluções ensaia agora o apelo
98 a uma “unidade nacional” para salvar o país, destinada a justificar uma futura aliança
99 daqueles que nas últimas décadas têm contribuído para o destruir. Uma campanha que
100 estimula a crítica aos políticos e à política em geral, explorando o desencanto de todos
101 que deram o seu apoio e voto aos partidos de direita e se sentem agora enganados,
102 generalizando a ideia do “são todos iguais” e da inevitabilidade desta situação. O
103 objectivo é muito simples, manter o estado de sitio que se vive hoje e evitar a
104 propagação de uma alternativa que existe e que à semelhança do que aconteceu no 25
105 de Abril, o povo, tome consciência que o poder está nas suas mãos, e que o caminho
106 só é possível através da transformação social e da mudança não de partidos mas de
107 políticas. Como disse Brecht, “quem ainda está vivo não diga: nunca. O que é seguro
108 não é seguro. As coisas continuarão a ser como são. Depois de falarem os dominantes
109 falarão os dominados. Quem pois ousa dizer: nunca. De quem depende que a opressão
110 prossiga? De nós. De quem depende que ela acabe? Também de nós. Viva o 25 de
111 Abril. Viva a CDU.” -----

112 -----O senhor Luis Rego (CDS) disse que: “mal vão as coisas numa democracia
113 quando, dada a dissolução parlamentar, não houve a tradicional comemoração do 25
114 de Abril no plenário da Assembleia da República, pelo que, o discurso do Presidente da
115 República no aniversário da revolução dos cravos ocorreu noutra local, no Palácio de
116 Belém. Fica-se com a impressão que não restaram muitos cravos do mais original e
117 prodigioso fenómeno da história portuguesa do século XX, a Revolução de Abril, tão
118 poeticamente contraditória e tão ingenuamente tomada por aquilo que, nas suas
119 origens nunca foi – uma revolução. Mas este episódio seria anedótico se não retratasse
120 de forma fiel o que está a acontecer com as nossas “comemorações” de Abril. O que se
121 passa é a maior das ironias que se possa é a maior das ironias que se possam
122 conceber: uma república laica e uma democracia que nasceu, se não de uma
123 revolução, pelo menos de um processo em tudo revolucionário – nas suas razões como
124 nas suas contradições – que transforma o tempo que a antecedeu num regime de anjos
125 e os trinta e sete anos da sua própria existência em liberdade numa ficção, num
126 espectáculo mediático sem consequências, num grande passe de mágica para fazer
127 esquecer o que, para a geração mais jovem postada diante dos televisores, hoje já é
128 “apenas” história – ou nem isso. E isto pode ser fatal para o futuro desta democracia.

ACTA N.º 04/2011 – Reunião de 25 de Abril de 2011

129 Porque é fundamental que a nova geração, que se sente á rasca, que já de si parece
130 ter uma fraca consciência histórica e muito pouco interesse pelo passado, possa sentir
131 estes 37 anos e as suas raízes como uma coisa viva e actuante, que lhes diz respeito.
132 E que vemos nós? Vemos o quarto poder desta nossa “democracia do sucesso”
133 demitir-se irresponsavelmente da sua obrigação de não deixar cair no esquecimento
134 valores e aquisições fundamentais que afinal herdámos de Abril e consolidámos depois:
135 O Estado de Direito, o reforço da consciência política, o ideário democrático
136 generalizado, a emancipação (relativa) das minorias e da mulher, a liberdade sindical e
137 de imprensa... Mas será que consolidámos mesmos esses valores? Se é certo que há
138 conquistas irreversíveis, não é menos verdade que muitas outras, nomeadamente no
139 que diz respeito à consciência cívica dos portugueses, estão em franco declínio.
140 Grande parte da herança dos anos da revolução perdeu-se, como era natural que
141 acontecesse. Todos temos noção de que não se pode lutar eternamente de cravo
142 vermelho na lapela. Os restos da euforia revolucionária, também ela, aliás, sem
143 legalidade democrática, pelo menos nos dois primeiros anos, são hoje poucos, farrapos
144 soltos, símbolos sem peso. Dos anos loucos da revolução não resultou o que algumas
145 utopias da altura – e foram muitas – desejavam. Os sonhos minguaram e a entrada na
146 então CEE em 1986 terá contribuído provavelmente para acentuar a transformação
147 deste pequeno país num produto cada vez mais característico e dependente do
148 núcleo duro europeu, qualquer coisa como um cruzamento entre o atraso, que alguma
149 direita ainda parece preferir, do “idílio perdido” à beira do Atlântico e a miragem da
150 “democracia de sucesso”. Uma sociedade-do-entre-e-do-quase, uma sociedade de
151 consumo sem formato que a todos nos endividou e atirou para as mãos da ajuda
152 externa, um projecto económico de imitação e dependência, um modelo social que
153 absorveu todos os males do neo-liberalismo, sem as contrapartidas e as bases sólidas
154 e das vantagens de um Estado Social eficazmente organizado (mormente nos domínios
155 da educação, da saúde, da habitação), como aconteceu nas primeiras democracias
156 europeias do pós-guerra. É isto que nós somos hoje, a caminho de um horizonte de
157 desenvolvimento e de progresso cada vez mais distante. Eduardo Lourenço dizia já há
158 anos que a revolução portuguesa deixou intocadas as zonas mais fundas do nosso ser
159 colectivo, e por isso não conseguiu até hoje enterrar o antigo regime: primeiro, porque
160 quase sem dar por isso, mas também sem que isso surpreendesse muito, a revolução
161 esteve à beira de escorregar, quer para a contra-revolução, quer para a sua perversão
162 totalitária. Nós somos hoje o resultado desse processo ambíguo. A necessidade
163 inevitável de refazer uma unidade e sobretudo uma identidade nacional esbarra com
164 esse vácuo de valores em que caiu não só Portugal, mas a Europa saída do “socialismo
165 real”. Um vácuo que ajudado pela situação de espera desesperada por ajuda financeira,
166 parece ser a antevisão do nosso futuro próximo.” -----
167 -----O senhor Ivo Faustino (PS) disse que: “mais uma vez estamos aqui reunidos
168 para celebrar o aniversário da revolução do 25 de Abril de 1974. Hoje volvidos 37 anos
169 continuamos insatisfeitos, deprimidos e desiludidos com o rumo deste país. País que
170 não me cabe a mim vir aqui fazer de coro com os velhos do Restelo de que tudo está
171 mal mas sim uma palavra de incentivo aos jovens e às outras gerações para que não

ACTA N.º 04/2011 – Reunião de 25 de Abril de 2011

172 baixemos os braços e não esperemos que os outros façam por nós. Portugal é um país
173 de grandes raízes culturais que não se pode perder pela descrença política, económica
174 e financeira por isso o meu incentivo aos jovens e às outras gerações para integrarem
175 as instituições partidárias e demonstrarem as suas ideias e com isso também
176 contribuirão para as reformas que este país necessita. Hoje e graças ao 25 de Abril
177 vivemos num país democrático que todos dando um contributo de cidadania e de
178 intervenção pudemos colaborar em prol de um país, de um distrito, de um concelho e
179 de uma freguesia com melhores qualidades sociais, culturais e económicas. Portugal
180 precisa de todos para todos terem um Portugal melhor. Relativamente ao concelho
181 onde resido e onde não sou pára-queda também gostaria de aqui deixar uma palavra
182 de incentivo para que este Município crie estratégias e um rumo que consiga motivar
183 grande parte dos jovens bombarralenses que se formaram com cursos universitários ou
184 profissionais que voltem para o Bombarral. Bombarral que necessita destas sinergias e
185 sangue novo para sair destes níveis sócio-económicos os quais infelizmente apresenta
186 nos dados estatísticos. Bombarral que deu um grande contributo e com a sua
187 população que em 1910 fosse implantada a República Portuguesa. Bombarral que
188 antes e pós 25 de Abril também deu um importante contributo na instauração da
189 democracia portuguesa. Este Município merece também ele que todos sejam chamados
190 a darem um contributo de cidadania para que tenhamos um concelho onde dê gosto de
191 viver. Sendo assim, passados 37 anos do 25 de Abril de 1974, ainda há muito para
192 fazer e muitas revoluções têm de ser feitas para que os objectivos do 25 de Abril sejam
193 cumpridos.” -----

194 -----O senhor Luis Biscaia (PSD) disse que: “O 25 de Abril faz parte daquela
195 categoria de acontecimentos que faz retornar a política à sua dimensão essencial: a de
196 um gesto inaugural que, contra todos os cálculos imediatos reivindica a urgência de
197 uma atitude de cidadania. O que significa reunirmo-nos aqui trinta e sete anos depois
198 do 25 de Abril, para levar a efeito uma comemoração que é ela própria empreendida
199 pelos poderes constituídos? Estas comemorações do 25 de Abril ocorrem num período
200 que é para muitos de incerteza, receio e até alguma amargura: a crise financeira
201 despertada por um endeusamento dos princípios do Mercado conduziu-nos a um
202 contexto europeu e mundial caracterizada por um aumento brutal do desemprego, pela
203 desaceleração da economia e pela ameaça de recessão. O 25 de Abril é ainda causa e
204 razão de ser do estarmos aqui. O Poder Local democrático é aquele que está mais
205 perto dos cidadãos. Especialmente é em nome dele que aqui nos sentamos e perante
206 vós, eleitores e cidadãos que respondemos. Permitam-me pois que dedique alguns
207 minutos a um tema em que estamos todos particularmente interessados. O pensador e
208 politólogo italiano Norberto Bobbio escreveu um dia que a essência da política moderna
209 é a possibilidade de os sujeitos se apropriarem ou reapropriarem dos espaços de
210 liberdade em relação aos poderes constituídos. Ou seja, a democracia é o único regime
211 em que os poderes estabelecidos estão sujeitos a um compromisso que é condição
212 essencial da sua legitimidade: o estarem sujeitos à crítica. Expõem-se eles mesmos à
213 sua precariedade. A realidade da democracia pode resumir-se a isto: todos podemos
214 ser responsabilizados, todos podemos ser substituídos. Por motivos vários estamos no

ACTA N.º 04/2011 – Reunião de 25 de Abril de 2011

215 final de um ciclo político: as lideranças estabelecidas confrontam-se com o horizonte
216 mais ou menos próximo do seu terminus. Há um momento na vida em que tudo passa a
217 ter mais passado do que futuro. Acontece com os seres humanos, com as instituições,
218 com as lideranças, com os projectos e com os programas. Aproxima-se um virar de
219 página. Alias, já estamos num virar de página. Resta apenas saber quando o mesmo
220 será oficialmente proclamado. Aproxima-se o período em que Portugal passará a ser
221 contributo líquido da União e não é preciso ser profeta nem sequer demasiado
222 perspicaz para saber o impacto que tal produzirá na vida das autarquias; - Aproxima-se
223 o período em que seremos confrontados com elevada probabilidade com um mapa de
224 regionalização transversal em que serão englobadas realidades distintas. Aproxima-se
225 ainda o tempo em que as dívidas que, aos olhos de alguns surgem como virtuosas, se
226 poderão tornar inexoravelmente pecaminosas. O futuro torna previsível uma redução
227 substancial das receitas totais do Município e ao mesmo tempo um potencial
228 crescimento brutal das despesas por efeito do serviço da dívida. Como os economistas
229 neo-clássicos gostam de lembrar não há almoços de borla. TUDO SE PAGA. É ainda
230 usual, por esta altura, fazer-se uma retrospectiva do que foi esse marco da história
231 recente do nosso país. É costume contar-se o que de bom se ganhou, as oportunidades
232 que foram criadas e, por raras vezes, o que se perdeu ou até as oportunidades
233 desperdiçadas. Mas não o vou fazer. O que vos quero dizer pode ser polémico, frontal
234 mas apropriado à ocasião. Estamos em altura de reflexão, não pelo que se passou,
235 mas pelo que significam 37 anos de “liberdade” e responsabilidade democrática. Sinto-
236 me um pouco saturado de ver uma classe política caduca afirmar que a revolução foi
237 sua e que amavelmente a partilham com o povo. Portanto, prefiro virar-me para o
238 futuro. Prefiro olhar para o legado que nos foi deixado e o que nos reserva o futuro. E o
239 que nos reserva o futuro? Mesmo não sendo um qualquer vidente e mesmo sem
240 perguntar a um qualquer polvo em relação ao futuro tenho algumas reservas.
241 Pessimismo, dirão uns, que não fica bem com uma vivência tão curta afinal nasci pouco
242 antes do 25 de Abril de '74; Prudência, dirão outros, pois os tempos que se avizinham
243 são decisivos e as posições que Portugal agora tomar irão influenciar gerações
244 vindouras; Tendencioso, afirmarão ainda outros, pois o partido que aqui hoje represento
245 não se encontra no poder a nível nacional. Com reservas, digo eu, porque sempre ouvi
246 dizer que quem não aprende com os erros da história não consegue evitar voltar a
247 cometê-los. Quer se esteja no poder ou na oposição, temos que encarar a vida política
248 como um acto social de grande importância – as decisões que os políticos tomam
249 influenciam as vidas de milhões de pessoas. Mas também as decisões que não tomam
250 influenciam de igual modo. Por isso é que um bom governo prova a sua valia pelos
251 actos praticados ou omitidos e com repercussões a médio e longo prazo e não pela
252 romaria que vai fazendo para lá chegar. Os meios nunca justificarão os fins. Neste
253 momento, deve-se pedir a todas as pessoas que votaram no actual governo para
254 perderem a vergonha de dizer que o fizeram e dizer que esperavam mais. Não
255 podemos ficar à espera que um tele-noticiário ou um jornal lhe venha explicar as
256 trapalhadas do governo, ou que alguém venha para os noticiários dizer que o país está
257 num pântano para assumirmos a nossa responsabilidade. Temos que ser nós a ser

ACTA N.º 04/2011 – Reunião de 25 de Abril de 2011

258 exigentes. Minhas senhoras e meus senhores. A exigência não começa nem termina na
259 campanha eleitoral, nem se resume à política nacional. Também temos que ser
260 exigentes com o poder local. A classe política nacional perdeu a vergonha! Do Bloco de
261 Esquerda ao Partido Nacional Renovador, de um extremo ao outro, todos os dias
262 somos confrontados com assuntos que não interessam à maioria dos portugueses, mas
263 que servem para calar alguns interesses reais e latentes do também latente e
264 emergente declínio da nossa democracia. Quando falo em declínio latente da nossa
265 democracia, faço-o consciente do que estou a dizer. Houve na nossa sociedade aquilo
266 que apelido de teoria da inversão de papéis: Os jornais passaram a ser juízes e a julgar
267 em praça pública e sem necessidade de apresentar provas, quem bem lhes aprouver;
268 Os bancos passaram a ser governantes, decidindo quem deverá ocupar a cadeira do
269 poder para manter os lobbies instalados e refastelados; Os políticos passaram a ser ou
270 gestores de imagem, receosos de dizer qual o rumo que preferem para o seu país ou
271 Município, com medo de padecerem às mãos dos novos governantes do país; ou então
272 pessoas comuns, que nada decidem, nada fazem para não perderem votos, pois se
273 nada fizerem não vão contra a vontade de ninguém e até passam por “boas pessoas”;
274 Os juízes passaram a ser os “desgraçadinhos”, por falta de tempo, por falta de recursos
275 humanos e por excesso de processos; As forças de autoridade passaram a ser
276 desautorizadas, porque baleiar um criminoso armado em fuga passou a ser crime e para
277 se condenar um criminoso este tem que ser apanhado em flagrante; Os licenciados
278 passaram a ter excesso de habilitações, porque o país parece não necessitar deles, os
279 empresários não estão dispostos a pagar aquilo que eles esperam ganhar e a
280 sociedade acha que eles estão mal preparados; A função pública passou a ser a origem
281 do mal no mundo, que tem que ser combatida a todo o custo e com todas as armas, por
282 um lado, mas continuamente alimentada nos gabinetes ministeriais, por outro, que
283 continuam a ter gastos astronómicos e não se fala na sua redução; Os apoios e
284 incentivos ao empreendedorismo e às novas tecnologias são a desmotivação e a
285 burocracia, que se tentam esconder com planos avulsos, aos quais se dão nomes
286 pomposos, mas que apenas servem para camuflar o descrédito a longo prazo dessas
287 medidas (como o choque tecnológico, o simplex, o INOVJovem e outros que tais), dos
288 quais este último destaque, o INOVJovem, é uma bela forma de camuflar o desemprego
289 galopante que arrasta o país para problemas sociais de dimensões ainda não
290 totalmente conhecidas; A aposta nacional, o grande rumo que deveria ser assumido
291 neste quadro comunitário (QREN) está adiado, assim como o investimento no país, e os
292 fundos comunitários, que algumas empresas necessitam como pão para a boca, estão
293 congelados num qualquer gabinete ministerial, porque ainda não se sabe como justificar
294 a vinda de dinheiro para um país sem estratégia e sem rumo. Minhas senhoras e meus
295 senhores Comecei este discurso pelo descrédito e pelas reservas. Mas quero acabá-lo
296 com a esperança e a união. Não por serem palavras bonitas, mas por acreditar ser esse
297 o rumo de qualquer nação nos tempos de corrupção e descrédito institucional que
298 atravessamos. Esperança, pois foi essa revolução, que hoje parece ser apenas
299 daqueles que a fizeram, que me possibilitou dizer estas palavras sem o receio real de
300 perseguição – ainda que a perseguição esteja sempre presente a quem afronta os

ACTA N.º 04/2011 – Reunião de 25 de Abril de 2011

301 poderes instituídos. União, porque já é tempo de nos unirmos pelo futuro das gerações
302 vindouras – pelos nossos filhos, netos, sobrinhos e todos aqueles a que queremos bem.
303 É tempo de deixarmos de defender líderes de opinião e começarmos a lutar por
304 posições e modos de ver a vida – com realismo e sinceridade no que queremos para
305 nós e para os que nos rodeiam. É altura de sermos exigentes convosco e também com
306 os que nos rodeiam, pois a excelência e o acompanhamento da competitividade
307 europeia não se compadecem com a política do desgraçadinho que temos fomentado
308 ao longo destes anos. Temos que ajudar quem trabalha e quer trabalhar e não apenas
309 quem tem limitações ou nada quer fazer. A polivalência não pode ser uma palavra
310 esgotada pelos ministérios quando querem falar em reformas sociais no mundo laboral
311 – deve ser uma forma de entendimento do desenvolvimento das empresas. Os jovens
312 devem ser preparados para a mudança constante dos mercados, para serem
313 empreendedores e para trabalharem autonomamente e em equipa. Essa mudança deve
314 acontecer na formação inicial destes, não apenas pela introdução de actividades
315 extracurriculares, mas, e essencialmente, pela formação dos professores para essa
316 nova realidade e mentalidade. A responsabilidade tem que ser assumida por todos,
317 como um desígnio nacional. Portugal tem que se virar para o futuro, pela aprendizagem
318 e não pela repressão, pela construção e não pelo controlo desmedido, pelo exemplo,
319 que tem sempre que vir de cima, e não pelas palavras bonitas mas ocas que enchem
320 as parangonas dos jornais e noticiários. Essa sim, será a melhor maneira de provar aos
321 heróis desconhecidos do 25 de Abril de '74 – verdadeiros merecedores de homenagem
322 porque até hoje nada pediram em troca – que o povo lhes está a prestar reconhecida
323 homenagem. Felizmente o 25 de Abril trouxe a democracia a Portugal e no próximo dia
324 05 de Junho cabe a cada português exercer nas urnas os seus direitos e fazer vingar a
325 vontade de cumprir os ideais de Abril e mudar Portugal. Está nas nossas mãos mostrar
326 que os cravos do 25 de Abril não murcharam, que a democracia não é uma palavra vã e
327 que Portugal tem futuro.” -----

328 -----O senhor Presidente da Câmara disse que: “Comemoramos hoje o 37.º
329 aniversário da Revolução de Abril de 1974, numa altura em que Portugal se encontra
330 numa situação delicada e pouco adequada às jutas aspirações do povo português. A
331 Revolução que com gosto assinalamos, jamais pode ser encarada como responsável
332 pelas circunstâncias que vivemos actualmente. Pelo contrário, devemos procurar nesse
333 feliz acontecimento para a democracia portuguesa, o estímulo e a força necessários à
334 recuperação sócio económica, que se impõe para a credibilidade do nosso país e para
335 a estabilidade do seu povo. Muitos de nós, somos gente que trabalha de forma rigorosa,
336 que cumpre as suas obrigações, que dá o melhor de si e que se comporta de forma
337 honesta para com o seu semelhante e para com a sociedade em que está inserida. É
338 precisamente desses que o país precisa, e é com esses que conto, para a difícil tarefa
339 de atingirmos a plena recuperação, dos enormes constrangimentos financeiros, que
340 envolvem também o nosso Município. Tenho a plena consciência de que existem muitos
341 mais cidadãos sérios e trabalhadores que não hesitarão na hora de darem o seu
342 contributo para que todos nós, portugueses no geral, e os bombarralenses em particular
343 conquistem um futuro mais risonho, especialmente, para os jovens que hoje têm

ACTA N.º 04/2011 – Reunião de 25 de Abril de 2011

344 dificuldade em encontrar o caminho para a sua realização, porque simplesmente ele
345 não existe. Abril abriu-nos o caminho da liberdade, mas não nos podemos esquecer
346 que liberdade significa responsabilidade e que liberdade exercida com responsabilidade
347 cessa para nós quando começa a dos outros. Cada um de nós tem de assumir a
348 responsabilidade daquilo que diz e daquilo que faz em nome da liberdade, mas também
349 em nome dos ideais que defendemos para o progresso da nossa terra. Devemos, por
350 essa razão, respeitar o próximo da mesma forma que exigimos respeito para nós
351 próprios. Sabemos que, infelizmente, isso não sucede com a frequência desejável e
352 vemos que aqueles que falam e escrevem e, total liberdade, não possuem o mínimo
353 sentido de responsabilidade e de respeito pelos outros, desrespeitando e despeitando
354 com invulgar frequência a terra que os viu nascer ou lhes dá o próprio sustento. Parece
355 até que estão distraídos, ou fingem estar, quando proferem vis insinuações e tentam
356 exercer manipulações ignóbeis, com total desprezo pela liberdade que tantas vezes,
357 mas especialmente nestas alturas afirmam defender como ninguém. Para esses, o 25
358 de Abril estará ainda inacabado e é por eles que a memória do 25 de Abril deve ser
359 continuamente invocada, até que interiorizem verdadeiramente que a liberdade não
360 nasce conosco, conquista-se! A comunicação social tem um papel importante na
361 construção de um país digno da história e da memória da nossa terra, não podendo
362 deixar-se envolver, o que acontece por vezes, por confrontos que não lhe dizem
363 respeito, por serem meramente político-partidários. A comunicação social não deve, por
364 isso, permitir a manipulação da informação e patrocinar campanhas políticas contra
365 pessoas, ainda que essa atitude sirva para incentivar o interesse do leitor pelo seu
366 produto. Tudo o que se fez, foi insuficiente para Portugal e os portugueses encontrarem
367 o seu rumo, e é por essa razão que enfrentamos hoje aquela que é seguramente a mais
368 grave crise económica e financeira de sempre! De facto, estamos perante um problema
369 a que quase ninguém consegue escapar e que por estar fortemente instalado em
370 Portugal, por cá ameaça permanecer durante muito tempo. Brevemente saberemos a
371 real intensidade desta crise, quais as suas verdadeiras causas, económicas, políticas e
372 financeiras, que medidas terão de ser efectivamente levadas a cabo e que perspectivas
373 teremos para vencer com êxito o perigo que está instalado e ameaça a nossa
374 sociedade e todo o nosso futuro colectivo. Diga-se o que se disser, escreva-se o que se
375 escrever os factos apontam que a lamentável situação a que chegamos tem origem na
376 crise internacional, mas é também filha de muitos erros que o próprio país cometeu e
377 que de certa forma ainda continua a cometer em larga escala. Mas apontam igualmente
378 que é nas grandes crises que devemos afirmar a nossa identidade, reflectir sobre o
379 nosso próprio destino e recuperar o nosso futuro, trilhando caminhos que reabram
380 portas à esperança e conduzam a uma vida melhor para todos, de acordo com os
381 anseios que o 25 de Abril criou aos portugueses. O problema que afecta o nosso
382 concelho é, em quase tudo, muito semelhante ao que se passa no país, pois se há
383 muito se adivinhava a situação em que Portugal estava a cair, também há muito se
384 antevia que o Bombarral, por falta de implantação empresarial sólida e ausência de
385 aproveitamento das suas riquezas históricas, culturais e turísticas, a par de uma má
386 condução das políticas para a agricultura que apagaram a nossa forte matriz ligada à

ACTA N.º 04/2011 – Reunião de 25 de Abril de 2011

387 ruralidade do Oeste, cairia em situação tão complicada como aquela que estamos a
388 sofrer actualmente. Na minha opinião, tem sido prejudicial o facto das pessoas não
389 gostarem de conviver com as más notícias e preferirem, inconscientemente, iludir-se
390 com sonhos. Temos por isso de evitar que passemos do sonho ao pesadelo,
391 combatendo este problema, grave e complexo, que temos pela frente, sendo que, se
392 não formos realistas, corajosos e conscientes, corremos o risco de ficar pelo caminho. E
393 para que tal não aconteça, o que o Bombarral precisa é que caminhemos todos num só
394 e mesmo sentido, onde saibamos partilhar as dificuldades do presente, preparando as
395 soluções que nos garantam o futuro. É importante reconhecermos os constrangimentos
396 que nos envolvem, mas é igualmente importante que estejamos todos do lado das
397 soluções e não do lado dos problemas. É por isso essencial a existência de uma
398 estratégia comum, assente na base da concertação de esforços. Temos de nos
399 concentrar no essencial e o essencial para nós é, sem qualquer dúvida, o Bombarral e o
400 seu futuro. Se é isto que nos une, não podemos permitir que o Bombarral se reveja em
401 actuações político partidárias agressivas e vazias de conteúdo. É urgente que se opere
402 uma radical mudança na atitude dos políticos, sob pena de continuarmos a prejudicar o
403 concelho com querelas pessoais e falta de objectividade na acção que a cada um
404 compete. Os desafios de hoje são mais do que muitos e impõem uma fortíssima coesão
405 entre todos: órgãos autárquicos, instituições públicas ou privadas, associações locais,
406 sectores empresariais e toda a sociedade civil em geral, não podendo haver lugar para
407 egoísmos encobertos por estratégias individualizadas. A depreciação do que é nosso,
408 acabará por comprometer e prejudicar irreversivelmente a nossa terra, a nossa matriz
409 cultural e a nossa própria identidade. Temos de equilibrar toda a descompensação
410 económica que surgiu com o enfraquecimento da principal actividade do concelho, a
411 agricultura. Mas temos de encontrar igualmente no turismo, na história, na cultura, na
412 ruralidade e no potencial vitivinícola e de produção de pêscoada, o caminho certo para
413 reerguermos o Bombarral. Conscientes do elevado potencial que a nossa ruralidade
414 tem, e do muito que há ainda por explorar, é necessário estarmos atentos a todas as
415 oportunidades que nos ajudem a ir de encontro ao desenvolvimento. Estamos num
416 período de esforço acrescido, centrado no equilíbrio das contas do Município e na
417 imperiosa necessidade de controlar as despesas correntes e o endividamento
418 excessivo. Estamos a atravessar um percurso difícil, mas não estamos a fazê-lo de
419 braços cruzados. A nossa estratégia está a ser implementada e terá os seus resultados
420 dentro em breve. Iniciámos e demos já por concluídos os trabalhos de melhoria do
421 traçado da estrada nacional 361 que atravessa o Vale Covo, resultado de uma parceria
422 entre as Estradas de Portugal e o Município do Bombarral, a exigir o esforço de mais de
423 um milhão de euros, repartidos por estas entidades e que dotaram a localidade de
424 pavimento reabilitado, novo sistema adutor e distribuidor de água, nova sinalização
425 horizontal e criação de passeios. Deixo um elogio ao trabalho desenvolvido neste
426 processo pelo senhor Presidente da Junta de Freguesia de Vale Covo. Estamos a
427 atingir a fase de conclusão de duas obras estruturantes e termos de requalificação
428 urbana, as empreitadas de requalificação urbanística do Largo do Cintrão e do espaço
429 público da extinta escola pré-primária do Pó. E reveste-se de suma importância a

ACTA N.º 04/2011 – Reunião de 25 de Abril de 2011

430 recente entrada em obra de alguns investimentos comparticipados pelo QREN, situação
431 que constituirá um esforço acrescido por parte do Município, mas primordial para todo o
432 concelho. A construção do Centro Escolar do Bombarral, com capacidade para 600
433 alunos, num investimento próximo dos 4 milhões de euros, teve já o seu início,
434 prevendo-se a sua conclusão no prazo de 2 anos. A requalificação da Entrada Sul da
435 vila, já está igualmente em obra e representa um investimento de cerca de dois milhões
436 de euros, tendo um prazo de execução de 12 meses. Nesta altura, é imperioso que os
437 bombarralenses abandonem pensamentos redutores do seu próprio estatuto, das suas
438 capacidades e do seu ego, porque essa postura em nada contribui para o crescimento e
439 desenvolvimento da nossa terra. Nessa medida espero sinceramente que se mudem
440 algumas mentalidades e a própria capacidade de sermos solidários em torno de um
441 único objectivo: colocar o concelho num patamar mais elevado. Vamos olhar para esta
442 crise sem qualquer desânimo ou acomodação, mas sim como uma oportunidade para
443 enfrentar e reformar alguns aspectos essenciais da nossa vida colectiva que durante
444 anos se degradaram penosamente. O 25 de Abril cumpriu e bem a missão a que foi
445 destinado. Se, entretanto, nos deixámos cair para níveis degradantes, fruto da cultura
446 do “gaste agora e pague depois”, é tempo de reconhecer os erros e estabelecer
447 estratégias de equilíbrio. Reconhecer os erros é a via principal para atingirmos o
448 objectivo e se teirmos em não entender desta forma, insistindo na falta de
449 cooperação em nome dos interesses colectivos, podemos estar certos que viveremos
450 momentos ainda mais aflitivos do que aqueles que nos estão reservados para os
451 próximos anos. Todos temos um papel importante e decisivo na vida actual e futura, do
452 nosso concelho, da nossa região e do nosso país. Todos estamos mandatados para o
453 fazer, pelos ideais de Abril.” -----

454 -----O senhor Primeiro Secretário da Assembleia disse que: “O 37.º aniversário
455 do 25 de Abril de 1974 celebra-se num momento em que Portugal vive um dos períodos
456 mais difíceis da sua multissecular história, pelo que se torna difícil falar de esperança e
457 de futuro quando as dificuldades, o desemprego e a pobreza não param de aumentar,
458 não se vislumbrando num horizonte próximo o fim da tormenta. Mas esta data é
459 precisamente o momento certo para acreditar na capacidade e coragem do indómito
460 povo português para há semelhança do marinheiro quinhentista enfrentar o Adamastor
461 e navegar para além da tempestade em direcção a um futuro melhor. Também em 1974
462 foi precisa coragem e convicção para derrubar um regime velho de mais de quatro
463 décadas para enfrentando muitas dificuldades procurar concretizar o sonho de um
464 Portugal mais justo e desenvolvido. O 25 de Abril é um ideal em permanente construção
465 e ao longo destes 37 anos muitas coisas evoluíram mas também muito ficou por fazer.
466 A crise instalada em Portugal, promovida pela especulação internacional e permitida
467 pela falta de visão de quem de direito, está a empobrecer os portugueses e a fazer
468 retroceder o desenvolvimento e a qualidade de vida que haviam sido alcançados. As
469 famílias, as empresas e as autarquias, surgem como vítimas de duros planos de
470 austeridade para tentar corrigir os erros que conduziram a esta situação, mas que, na
471 prática apenas agravam desigualdades tornando os ricos cada vez mais ricos e os
472 pobres cada vez mais pobres. As autarquias, já penalizadas por transferências de

ACTA N.º 04/2011 – Reunião de 25 de Abril de 2011

473 competências sem a adequada transferência de verbas correspondentes (exemplo da
474 educação que implicou no nosso caso a contratação de mais 50 funcionários e o reforço
475 da frota automóvel) e pelos acentuados aumentos dos custos gerados pelos novos
476 modelos de gestão de águas e resíduos, foram agora objecto de redução das verbas
477 transferidas da administração central, vendo-se forçadas a reduzir apoios e obras
478 necessárias às populações. Mas como dizia o poeta: “País de Abril é o sítio do poema.
479 Não fica nos terraços da saudade não fica nas longas terras. Fica exactamente aqui tão
480 perto que parece longe.” Esta não é a hora de baixar os braços ou viver dos êxitos
481 passados. É hora de nos unirmos e lutarmos contra o destino que nos querem impor.
482 Portugal já enfrentou muitas crises ao longo da sua história e sempre foi capaz de se
483 superar e voltar a trilhar os caminhos do desenvolvimento. Também desta vez
484 saberemos resistir às adversidades e construir um Portugal novo, mais justo e solidário.
485 Vamos cumprir os ideais de Abril.”-----

486

487 -----Nada mais havendo a tratar, pelas 19:45 horas, foi a reunião encerrada e
488 lavrada a presente acta, que depois de lida e achada conforme, será assinada pela
489 Presidente da Mesa e pelos dois Secretários.-----

490

491 O Presidente:

492

493 O 1.º Secretário:

494

495 O 2.º Secretário:

496